



## Uniforme escolar e os processos de construção do pertencimento: estudo de caso da escola Érico Veríssimo/RS

Franciele Racoski <sup>1</sup>- panty\_fran@hotmail.com

Clovis Schmitt Souza<sup>2</sup> - clovis\_sm@yahoo.com.br

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva analisar as relações entre o uso do uniforme escolar e os processos de construção das identidades estudantis. Tal análise decorre do acompanhamento e do relato de uma experiência formativa na figura de oficina desenvolvida no Projeto Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, no ano de 2014. A oficina foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo, no município de Erechim, RS, e abordou as temáticas “Identidade e Ação Coletiva”, a partir de uma mobilização dos estudantes para o uso do uniforme escolar.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Uniforme escolar. Identidade. Ação coletiva.

### **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the relationship between the use of school uniforms and the processes of construction of student identities. This analysis stems from the monitoring and reporting of a

---

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. Bolsista Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), Sociologia. Capes

2 Ms. Sociologia. Coordenador do Projeto Pibid Sociologia da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim.

formative experience in the figure of workshop developed in Project Pibid (Institutional Program for Initiation of Teaching Experience), of the Degree in Social Sciences at the Federal University of Southern Frontier, in 2014. The workshop was held at the State High School Erico Verissimo, in the municipality of Erechim, RS, and addressed the theme “Identity and Collective Action,” from a mobilization of students to use the school uniform.

### **KEYWORDS**

School uniforms. Identity. Collective action.

## 1 Introdução

O processo de escolarização dos indivíduos apresenta um importante momento de constituição da identidade dos sujeitos no convívio social. Nesta etapa da vida os jovens, por meio de vestuário e adornos, selecionam os símbolos com os quais se identificam e se reconhecem dentro do jogo das relações sociais mais fluidas. No entanto, a partir do momento em que a escola estabelece a obrigatoriedade do uso de um uniforme, provoca um conflito ao estabelecer a necessidade de integrar os indivíduos dentro de um mesmo grupo social para fins de organizar a comunidade escolar.

Neste contexto de construção de relações sociais marcadas por diferentes concepções da maneira como o indivíduo deve se integrar ao grupo, o subprojeto PIBID Ciências Sociais desenvolveu no ano de 2014 uma oficina com estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo localizada no município de Erechim – RS, para debater quais seriam as razões envolvidas pela direção para exigência do uso do uniforme pelos estudantes e ouvir os argumentos destes para sua contrariedade no uso. Através da utilização de uma oficina foi oportunizado aos estudantes um espaço onde diferentes ideias e opiniões foram apresentadas para o convívio escolar. Tal espaço buscou escutar a opinião dos alunos a respeito de seu uniforme e, na discussão, procurar soluções para que o uniforme não fosse mais um desafio a ser vencido pela escola. Durante os debates, diferentes posições foram apresentadas no espaço público da comunidade escolar, constituindo uma ferramenta metodológica oportuna para problematizar como os processos de individualização e de homogeneização estão presentes na escola.

A forma como a escola oportunizou a vocalização desta modalidade de troca de posições evidenciou uma experiência de extensão provocativa para todos os envolvidos, e trouxe na sua esteira, a reflexão a respeito do que seria uma comunidade, como ela deve funcionar e por qual razão os indivíduos inseridos no grupo devem adotar certos padrões de comportamento uma vez que a relação entre a construção das identidades dos alunos e o uso dos uniformes escolares estabelece “um conjunto de elementos materiais que compõem a escola e sua cultura está o uniforme, materialidade aqui concebida como um dos elementos constitutivos da cultura escolar” (RIBEIRO: SILVA, 2012, p. 577).

Para responder tais indagações, o fio condutor da oficina utilizou a noção dos papéis sociais exercidos pelos indivíduos dentro de uma sociedade. Para tanto, na seção a seguir serão apresentadas contribuições a respeito da noção de pertencimento, sobre formas de educação escolar adquiridas ao longo de um processo histórico, bem como, refletir a respeito de diferentes práticas de ensino contidas na técnica da oficina como prática de ensino-aprendizagem.

## 2 Explorando o conceito de pertencimento ao grupo

Para compreendermos o processo de construção de pertencimento dos indivíduos aos grupos, o entendimento da noção de identidade auxilia na reflexão do modo como as individualidades e as particularidades dos sujeitos auxiliam na construção do pertencimento. Segundo Denys (2002), a identidade é uma construção social que acontece nas relações dos indivíduos, denominada por eles de agentes, as quais delimitam suas ações e suas escolhas por meio de orientações socialmente construídas.

Essa construção social está intimamente ligada às relações sociais entre os indivíduos e são fatores determinantes para a categorização e identificação de cada indivíduo e do grupo ao qual está inserido. Assim, a identidade do indivíduo está correlacionada com a identidade do grupo ao qual pertence. O autor ressalta que a identidade só faz sentido quando o indivíduo é capaz de questionar o diferente (o outro), e também qual será o posicionamento deste indivíduo referente às diferenças apresentadas, auferindo assim que a identidade não existe sem a alteridade. Em função disso podemos dizer que a identidade é preexistente ao indivíduo, pois “o indivíduo é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos, até o ponto de se identificar com o seu grupo de origem” (DENYS, 2002, p. 179).

A forma cultural imposta aos grupos através da socialização tem como conjuntura o meio como fator determinante na construção da identidade. Assim, entendemos que o indivíduo não é participante na produção da identidade, pois quem a determina é o meio no qual ele vive, ou seja, “a identificação é automática, pois tudo está definido desde seu começo” (DENYS, 2002, p. 180). É necessário, pois, analisar que esta ideia parte da reflexão da teoria objetivista da identidade cultural. Partindo da concepção de que o indivíduo é passivo e condicionado, não apresentado condições para modificar a sua realidade. A partir dessa reflexão, podemos dizer que tal concepção desconsidera o indivíduo.

Trata-se em todos os casos da definição e da descrição da identidade a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como “objetivos”, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a “personalidade básica”), o vínculo com um território, etc. Para os objetivistas, um grupo sem língua própria, sem território próprio, e mesmo, sem fenômeno próprio, não pode pretender constituir um grupo etno-cultural. Não pode reivindicar uma identidade cultural autêntica. (DENYS, 2002, p. 180).

A partir desses levantamentos, cabe-nos observar uma segunda vertente teórica dedicada à reflexão sobre o pertencimento de ordem subjetivista para expor elementos que caracterizam as diversas formas de definições e como o conceito pode ser apresentado de diferentes maneiras.

Na perspectiva subjetivista o indivíduo determina a identidade, ou seja, ele se torna capaz de definir a identidade a partir das próprias representações que os indivíduos fazem de si e do mundo. Neste entendimento, a identidade etnocultural não é nada além do que um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau. Para esta corrente de investigação, o importante para fixação da identidade dá conta das representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões. (DENYS, 2002, p.181).

Dessa aceção podemos ressaltar que o indivíduo é livre para produzir sua identidade, tornando-se fator condicionante para mudar a realidade em que vive. Em função disso a teoria subjetivista desconsidera a realidade e considera o indivíduo ator principal na construção das suas próprias identificações. Por extensão, a identidade está submetida a mudanças e variações. Em composição, Dubar (2009) evidencia que a identidade de todo e qualquer ser empírico depende do ponto de vista adotado, portanto são instáveis, móveis e possuem várias diferenciações.

Podemos compreender com base em Denys (2002) que a noção de pertencimento é um posicionamento individual determinado por várias condicionantes, onde cada indivíduo tem a liberdade de optar a respeito de como quer atribuir suas características identitárias, pois “o importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade e de suas divisões” (p. 181).

Os estudos dos autores vêm ao encontro de nossos anseios no sentido de mostrar que os mecanismos de pertencimento do indivíduo são passíveis de muitas definições, pois existem diversas configurações de discursos teóricos que a tornam dinâmica e contingente. Para Goffman (2003) os indivíduos agem na sociedade assumindo papéis sociais que são definidos pela cena social em que estão inseridos de tal modo que as relações sociais são definidas por um tipo de comportamento que está inscrito em dada situação social.

A perspectiva teórica de Goffman (2003) compreende que o indivíduo vai assumindo diferentes papéis sociais condizentes com os modelos de padrões estabelecidos pela sociedade. A sociedade estabelece modelos de padronização com o intuito de catalogar os agentes conforme um determinado cenário. Disso decorre a ideia de que a sociedade é um palco onde os indivíduos assumem diversas formas de ser e estar no convívio social. Como ressalta o autor:

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuem e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir. De fato pode-se exigir que o autor não somente expresse suas pretensas qualidades durante a interação, mas também que o faça durante uma fração de segundo na interação (GOFFMAN, 2003, p. 36-37).

A partir dessa reflexão, podemos dizer que o indivíduo apresenta um posicionamento a respeito do que quer representar conforme a noção de pertencimento ao cenário, isto é, ao contexto no qual está incluído. Embora tenha situações onde o indivíduo possa simplesmente assumir uma determinada representação sem se preocupar com a finalidade da interação, é importante ressaltar que existem outras variáveis onde se faz necessário que o indivíduo tenha garantias que o papel assumido seja atribuído a certa eficácia como, por exemplo, os papéis que o indivíduo tende a assumir em seu ambiente de trabalho.

A partir desses levantamentos, cabe-nos destacar que o pertencimento se forma a partir de diversos condicionantes e que o indivíduo pode construir suas condições identitárias pelo meio ao qual pertence ou pelo papel que assume perante os outros.

Outro autor que tematiza a questão do pertencimento do sujeito é Pierre Bourdieu (1996). Utilizando dos conceitos de campo e habitus o autor apresenta importantes reflexões teóricas para evidenciar os mecanismos sociais pelos quais os indivíduos são antes de tudo agentes sociais localizados dentro de estruturas sociais de sentido verificadas no que o denomina por espaço social. Neste sentido, todas as interações produzidas pelos agentes acontecem em um dado ambiente que oportuniza um conjunto de bens simbólicos que validam o pertencimento do agente dentro do grupo. Dentro disso, o ato de ser percebido como integrante de um grupo é um atributo conferido pelas práticas sociais locais. Com base nisso, pertencer a um espaço social é compartilhar dos valores que o grupo entende como seus.

Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que a comunidade escolar é um ambiente de processos das construções das identidades assumidas pelos indivíduos. É necessário, pois, analisar como isso acontece dentro do ambiente escolar, assumindo aqui a escola enquanto instituição.

### 3 Identidades e educação escolar

A escola enquanto instituição agrega em si diferentes culturas e ideias, pois se caracteriza como um espaço de multiplicidade de pessoas onde cada um detém um modo de pensar e agir frente às muitas situações que se estabelecem em um convívio escolar.

Esse processo tão diversificado tende a ser um desafio para o seu andamento como local onde saberes e valores são transformados. Ainda que cada indivíduo possua sua individualidade, o contexto das relações sociais pelas quais participa auxiliam no processo de formulação do sujeito, onde os conjuntos das experiências vividas oportunizam a formulação da construção social do indivíduo de certas percepções da ideia de semelhança e de diferença entre os indivíduos.

Mesmo considerando todas as diferenças estabelecidas pela individualidade, existe um processo de socialização formal no sentido de ordem social<sup>3</sup> conduzido por instituições como a escola, onde o comportamento é moldado. Trata-se de um espaço onde se aprende obedecer a regras de convivência e também a lidar com a diferença e a diversidade, procurando conduzir a todos em direção a um mesmo caminho sincronizado de acordo com os padrões já estabelecidos pelo meio sociais.

Tais padrões estão vinculados à forma de organização didática, pedagógica e também administrativa que se desenvolvem para construir os processos dos saberes e da educação para

---

3 "Atribuindo às instituições e seus agentes a função da manutenção da ordem social, concebem a construção da realidade a partir de uma coerência de propósitos entre o indivíduo e o espírito de seu tempo. Seja na metáfora do ator representando um papel [...], seja na noção de self [...], ou mesmo na dimensão dialógica e interativa da construção da identidade [...], esses autores entendem a organização social como um sistema coerente de contínuas adaptações do indivíduo diante dos ditames institucionais"(SETTON, 2005, p. 339).

que o indivíduo venha a ter um pensamento monopolizado e possa aceitar a disciplina imposta pela escola como um processo civilizatório para o bom funcionamento da sociedade.

Assim, entendemos que a escola é um condicionante na construção do pertencimento por ser um local de representações de papéis<sup>4</sup> assumidos pelos professores, alunos e corpo escolar. Portanto, é necessário analisar que o mundo da contemporaneidade se modifica e a escola ao longo de seu contexto histórico também percorreu o caminho das mudanças referentes à disciplina, à conduta dos alunos e às formas de organização dessas acepções. Podemos ressaltar que a escola deixou de lado sua forma autoritária com suas características de comportamentos rígidos e contidos e passou a apresentar uma tendência mais democrática, suscetível a alterações, como enfatiza Kilpatrick (1978):

É claro que a escola de hoje é inteiramente diferente da de vinte, ou trinta anos atrás. A primeira impressão, para os espíritos rotineiros, nem sempre é agradável. Nota-se precisão na simetria do trabalho coletivo, mais movimento individual, menos marchas em fila. [...] Vemos, assim, quão falho era o regime escolar. Nele, as crianças iam à escola de má vontade, oprimidas pela necessidade de adquirir conhecimentos, para fins de dar a lição, em exposições formuladas pelos adultos, com soluções de problemas sociais do passado. Esse sistema não é só inadequado como, as mais das vezes, e sob vários pontos de vista, pernicioso. Não é, pois, de admirar que mais da metade dos alunos tenha abandonado a escola, assim que a lei o permita. Não é de se surpreender também que muitos adultos se mantenham tristemente indiferentes às responsabilidades cívicas (p. 63 - 73).

Nesse sentido, ressaltamos que a escola vem adquirindo uma nova forma ao longo dos anos, recepcionando as novas demandas sociais advindas com a modernidade e novos modos de se pensar a educação para a cidadania começaram a ser questionado em todo esse processo. A escola não poderia somente disciplinar o estudante, mas sim, emancipá-lo, permitindo que eles produzam sua própria forma de pensar e agir. A respeito dessa diversidade latente entre os alunos podemos buscar como campo de análise das Ciências Sociais a compreensão das semelhanças e diferenças nos modos de ser e de agir no mundo, de sentir, de pensar, de se comunicar e de se relacionar.

A grande tarefa da escola é construir coletiva e permanentemente o sentido de sua especificidade, recriando a cada momento as vias, os meios e os procedimentos pedagógicos que permitem concretizá-lo.

A escola tem o papel de garantir a aprendizagem dos alunos a partir de suas práticas metodológicas, através de um currículo humanizado e direcionado para a realidade dos alunos. Nesta realidade o aluno é o centro de todo o processo educativo e para ele são voltadas as atenções não para encaixá-lo em um padrão normalizado, mas sim, educá-lo para a cidadania.

Tais afirmações vêm de encontro ao que queremos no sentido de identificar que o uniforme escolar é um ato de cidadania, pois revela um grau de pertencimento do aluno ao local onde estuda, ao grupo ao qual pertence. Daí a necessidade de envolvê-lo na construção desse processo, exercendo sua construção cidadã no cotidiano escolar; incentivando a participação dos indivíduos nas discussões presentes no convívio escolar.

## 4 Metodologia: oficina identidade e ação coletiva

A oficina “Identidade e Ação Coletiva”, desenvolvida pelo PIBID – Ciências Sociais ocorreu na Escola Estadual Érico Veríssimo no ano de 2014 e contemplou os alunos do Ensino Médio, especificamente os líderes das turmas, tendo como objetivo dialogar a respeito da resistência de parte dos estudantes para o uso do uniforme escolar. É importante ressaltar que havia uma polêmica existente na escola a respeito da obrigatoriedade do uso do uniforme que não era aceito por parte dos estudantes e causava certo descontentamento entre os estudantes

---

4 “Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. (GOFFMAN, 2003, p. 28-29)

por entenderem que a camiseta<sup>5</sup> utilizada como uniforme escolar servia como artefato de homogeneização de todos e feria a individualidade de cada um.

Diante disto, o PIBID-Ciências Sociais visualizou a oportunidade de construir um espaço de reflexão a respeito da exigência salientada pela escola. Tal reflexão traria uma nova percepção a respeito da utilização do uniforme em outros contextos da vida social, demonstrando a importância de adotá-lo como uma forma de construção da noção de pertencimento do indivíduo a um grupo social.

A oficina foi desenvolvida em três encontros no turno da manhã na escola, com duas horas de duração cada. Os encontros aconteceram semanalmente onde foram primeiramente contemplados os líderes e vice-líderes<sup>6</sup> de cada turma do Ensino Médio, totalizando nove turmas e 18 alunos. No primeiro encontro foi apresentada a proposta desta atividade, seus objetivos e metodologia de trabalho. No segundo encontro foram apresentadas imagens do emprego do uniforme, em diferentes profissões, como na medicina (uniforme dos médicos), na segurança pública (uniforme do policial), na aviação civil (uniforme do piloto). Para cada profissão apresentada era solicitado aos participantes que mencionassem qual tipo de qualidade/atributo utilizam para descrever a profissão. Através desta técnica foi possível dialogar a respeito das representações sociais conferidas a cada indivíduo.

Analisando os diferentes tipos de expressões (positivas ou negativas) utilizados para qualificar cada profissão foi possível problematizar por qual razão umas eram descritas favoravelmente enquanto outra não. Na sequência da atividade era questionado por qual razão uma camiseta da seleção brasileira seria um símbolo dotado de prestígio enquanto a de um time regional poderia não ter a mesma unanimidade de percepções.

Ao expor tais elementos, a oficina ia indicando que um uniforme pode ser revestido de qualidades positivas ou negativas dependendo do tipo de representação social que a sociedade lhe confere, ou seja, não é um atributo por essência bom ou ruim.



Figura 1: Execução da Oficina.

Fonte: Arquivo pessoal.

Uma vez compreendido este fenômeno social de diferenciação, a oficina começou a interrogar por qual razão os estudantes não gostavam de utilizar o uniforme da escola. Através do diálogo foi possível auferir que para eles o uso do uniforme da escola era importante, pois produzia a noção de pertencimento à comunidade da escola Érico Veríssimo. Porém, o motivo do descontentamento dos estudantes estava presente na personalização da camiseta, não gostavam da logomarca da escola, tampouco do tecido branco que destacaram ser transparente.

5 O uniforme escolar exigido na Escola Érico Veríssimo trata-se de uma camiseta branca contendo a logomarca da escola na parte da frente e o nome na escola nas costas.

6 Para fins de operacionalização da oficina foram convidados para participar apenas os líderes e vice líderes de turma do ensino médio por tratar-se de lideranças escolhidas pelos próprios alunos. Assim, ao final das atividades esperava-se que os representantes de turma socializassem as informações ao restante dos estudantes.

Ademais, afirmavam que suas opiniões a respeito da confecção e logomarca do uniforme não foram levadas em consideração pela direção da escola.

Neste momento, era realizado o terceiro momento da oficina quando os participantes foram divididos em dois grupos de modo a cada um estava reservada a tarefa de buscar caminhos para modificação ou personalização do atual uniforme.

Diante disso, verificou-se a necessidade de repassar à escola as modificações sugeridas. Neste momento, a atividade da oficina trouxe à tona a possibilidade de integrar os demais estudantes da escola nas discussões. Através da realização de uma ação coletiva<sup>7</sup> pelo uso do uniforme, os líderes de turma incentivaram o uso do uniforme entre os demais integrantes da comunidade. Durante um mês foram confeccionados cartazes e distribuídos pela escola como forma de mobilização de todos.

Caso o número de estudantes que não utilizassem o uniforme neste período sofresse um decréscimo, os líderes de turma teriam argumentos para justificar seu pedido de alteração do fardamento para direção da escola. Através da campanha pelo uso do uniforme foi possível inseri-los em uma ação conjunta em prol de um mesmo objetivo: a reforma no uniforme escolar e a construção de um pertencimento constituído pela filiação dos sujeitos ao processo.

Foi curioso o fato dos estudantes ao elaborarem os cartazes de divulgação da campanha, se referir como “Galera” num atributo de posituação do que seria utilizar o uniforme. Com isso o papel social de estudante não é localizado apenas com um atributo de cenário. Trata-se, ao invés disso, de um atributo de pertencimento formulado pelos processos de significação dos agentes no processo de convívio social. Além disso, a possibilidade dos envolvidos na oficina reverberarem seus objetivos de modificação do uniforme dentro do ambiente da escola por meio de procedimentos de negociação com a direção da escola fortalece o engajamento estudantil e mostra, por sua vez, para direção da escola que os estudantes “têm algo a dizer” e estão dispostos ao diálogo.

Figura 2: Mobilização Estudantil.  
Fonte: Arquivo pessoal.



7 “Ação Coletiva está ligada apenas a um campo de ação, o que quer dizer que ela vem sempre relacionada a um determinado local ou grupo de interesses que servem como condutores para sua realização”. Assim sendo, a ação sempre se realiza a partir de situações próprias que acabam demandando a articulação de estratégias específicas por parte dos grupos envolvidos “logo, a ação é construída através da interpretação da situação, consistindo a vida grupal de unidades de ação desenvolvendo ações para enfrentar situações nas quais elas estão inseridas” (JUNIOR, 2007, p. 77).

## 5 Considerações finais

Nosso objetivo neste artigo foi mostrar as possibilidades existentes em aliar a teoria à prática, através do modelo de oficinas, onde é possível ir para além dos conteúdos existentes com base no currículo da escola e utilizar de outras vertentes metodológicas para apresentar ao aluno uma nova concepção e apropriação do saber.

Constata-se assim, que o ensinar através de oficinas fortalece um dos objetivos principais do PIBID Ciências Sociais na formação do aluno para a cidadania. O emprego da atividade promoveu um espaço de diálogo para que os estudantes pudessem apresentar suas opiniões e considerações, fortalecendo as condições do convívio no ambiente escolar dentro dos seus dilemas e demandas. Buscou-se ainda demonstrar que a escola Érico Veríssimo tem uma concepção à integração, pois propiciou aos alunos um espaço de articulações através de suas ações e reflexões. No tocante ao uso do uniforme o diálogo provocado pelo PIBID teve como motivador um processo conflitivo presente na escola, mas conseguiu produzir canais de diálogo entre os estudantes e a direção para um melhor entendimento dos processos de convívio no ambiente escolar.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- DENYS, C. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Florianópolis: EDUSC, 2002.
- DUBAR, C. **A crise das Identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: USP, 2009.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. São Paulo: Vozes, 2003.
- JUNIOR, J. A. C. **Ações coletivas e seus intérpretes**. Pensamento Plural, Pelotas [01]:65-87, julho/dezembro, 2007.
- KILPATRICK, W, H. **Educação para uma civilização e mudança**. Trad. Noemy S.Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- RIBEIRO, I; SILVA, V, L, da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. In **Educ. Pesqui**. Vol. 38 no. 3 São Paulo July/Sept. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022012000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000300003)> Acesso em: 12/10/2014.
- SETTON, M. da G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. Tempo Social, **Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.
- VALLE, L. **O mesmo e o outro da cidadania**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.